

Governo americano procura salvar estratégia do Plano Brady

WASHINGTON — Numa clara demonstração das crescentes dificuldades que o governo americano vem encontrando para convencer os bancos a apoiarem a estratégia de redução da dívida externa do Terceiro Mundo, anunciada no começo do ano pelo secretário do Tesouro, Nicholas Brady, o presidente Bush convidou 65 presidentes das maiores instituições financeiras do país para uma recepção organizada às pressas, na Casa Branca, na noite de terça-feira, e fez-lhes um diplomático apelo.

"Eu quero que vocês saibam quão fortemente eu apóio a nova estratégia da dívida e quão importante é, para nós, trabalharmos juntos para assegurar que ela tenha êxito", disse Bush, segundo um dos presentes. O que o presidente pediu aos banqueiros, sem dizê-lo diretamente, é que eles embarquem no acordo de renegociação da dívida do México, anunciado em julho passado.

Considerado como o primeiro teste do Plano Brady, o pacote mexicano só foi fechado, em termos gerais, depois que o Tesouro passou a pressionar publicamente os bancos. Do ponto de vista dos bancos, o acordo proposto contém uma contradição básica: ao mesmo tempo em que prevê uma redução real de cerca de um terço da dívida externa de US\$ 53 bilhões do México, os bancos internacionais, através de uma troca de papéis por outros de melhor qualidade, o pacote foi armado com a expectativa de que seria do interesse de muitos bancos contribuir também com novos empréstimos. As autoridades mexicanas calcularam que dos cerca de US\$ 17 bilhões de redução que seriam gerados pelo acordo, entre US\$ 5 e US\$ 7 bilhões viriam sob a forma de dinheiro novo ao longo de vários

anos, com um montante inicial de aproximadamente US\$ 2 bilhões.

Esse dinheiro, considerado vital pelo governo mexicano para cobrir o déficit de conta corrente, é a parte do acordo que empacou e ameaça, agora, a própria sobrevivência do Plano Brady.

Duas semanas atrás, quando os negociadores mexicanos e dos bancos encerraram o complexo trabalho de detalhamento dos termos do acordo, contidos em 160 páginas, a relutância dos bancos, até então apenas murmurada, veio à tona. Três grandes bancos americanos, o Manufactures Hanover, o Chase Manhatam, e o Morgan Guaranty, anunciaram importantes provisões adicionais de suas reservas, numa indicação de que se estavam se retirando do grupo dos provedores de novos empréstimos.

Ontem, o economista chefe do Banco Mundial, Stanley Fischer, explicou o dilema criado pela recusa dos bancos em entrar com "dinheiro novo". Embora não estivesse se referindo diretamente à atitude dos bancos, ele disse que na falta deste dinheiro, a solução seria aumentar a taxa de redução da dívida com a qual os bancos concordaram que varia entre 27 e 30%.

Sem dinheiro novo e sem um aumento no desconto, as contas do México não fecham, indicou Fischer. Isso significa que, a menos que o poder de persuasão de Bush opere um milagre, a viabilização do acordo com o México e do Plano Brady provavelmente passará por uma complicada e possivelmente demorada rediscussão do pacote. O ministro das Finanças da Inglaterra, Nigel Lawson, não tem ilusão sobre os resultados da pressão americana sobre os bancos. Ele disse, ontem, que não fará o mesmo com os bancos ingleses porque considera *foolish*, ou seja, tolo, pressionar bancos privados.